

O BAHIA NA BENEFICÊNCIA DESSE AUTÊNTICO PORTUGUÊS DE
GUIMARÃES

Nas festas celebradas em Campinas na última terça-feira, 15 de agosto, na Santa Casa de Misericórdia, em cerimônias tocantes de simplicidade e de fervor, andei eu a mirar e remirar os retratos que guarnecem as paredes do salão nobre daquela nobre instituição.

Fiz um regresso ao passado e, pela memória, fui recompondo festas antigas a que assisti desde menino, outras em que tomei parte, de lapis em punho, quando já metido a reporter e jornalista e outras, afinal, quando dali mudado, voltava a assistir àquelas cerimônias, sempre animadas de uma concorrência que era da gente ligada à Casa por laços quase de sangue, pois nela se apontavam benfeitores, filhos e netos de benfeitores, na composição de uma autêntica dinastia de valores morais.

É notável o domínio que as Santas Casas exercem sobre as pessoas que delas se aproximam e nelas se integram: a abnegação que caracteriza suas obras de assistência tem um tal poder de sugestão que empolga o coração dos seus servidores. Estes passam a servi-la com uma união verdadeiramente religiosa - e, ao contato da miséria humana cujos desesperos ela procura atenuar e cujas chagas e mazelas cura ou suaviza com medicamentos das enfermarias e com o bálsamo ainda mais eficaz da assistência e da doçura vigilante das irmãs de caridade - ao contato dessa miséria os membros da Irmandade se convertem em autênticos apóstolos e fazem um voto de bem servir no qual confundem e igualam a instituição de caridade com a própria família. Por esse caminho,

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUÊS DE
GUIMARÃES

(cont.)

- fls. 2 -

aliás, são numerosos os casos de sujeitos sem crença e sem fé, alguns até ostensivamente ímpios, que experimentam mudanças salutaras e, ao cabo de alguns anos, se convertem em homens piedosos e de nobres sentimentos altruísticos. O contato com a miséria humana que é crescente e ostensiva nos grandes núcleos de população, exerce esse poder de quebrar as arestas, rudezas e a indiferença de muitos corações.

A contemplação de uma galeria de retratos de velhas figuras de tempos de antanho, colocadas ao lado de figuras menos velhas, mas também carregadas de serviços a instituições dessas, desperta lembranças e confrontos e nos obriga a pensar mais seriamente na pobre contingência das nossas vidas.

Perpassando os olhos naquele panteão de vultos do passado, masculinos e femininos, detive-me um pouco sobre uma figura de linhas severas, um tipo atarracado, de olhar e nêrgico, maçãs salientes, com o pescoço metido em altos colarinhos que um gravatão preto comprimia e contrastava com a cabelereira branca que dava destaque a uma testa ampla e cheia de rugas octogenárias. Esse homem, que deixou ao seu tempo a fama de ríspido de maneiras, em contraste com uma generosidade inata, não pertenceu aos velhos troncos paulistas que em Campinas abriram suas grandes arvores familiares: era um português de Guimarães, lusitano do melhor quilate, que ligou seu nome a Campinas por uma vida de trabalho constante, e por uma benemerência de atos e realizações que o recomendam

a uma carinhosa evocação. Entretanto, mesmo ali, na terra em que viveu durante quarenta anos fecundíssimos, seu no me vai sendo totalmente esquecido. Para os antigos e para alguns não ainda muito velhos como eu, que o conheci de fama, o nome desse português, que se chamava Antônio Francisco era familiar pelo seu apelido de "O Bahia", com o qual, aliás, parece que se alegrava. Figura entre os primeiros beneméritos da Santa Casa e foi com um legado do seu testamento que as obras do edifício central tomaram seu maior impulso. Além disso ficou, ao que parece, mais conhecido e popular quando adquiriu e ofereceu para a antiga Matriz Velha o maior sino da torre, um colosso de bronze que, até hoje, a quem o possa contemplar de perto, galgando os cento e oitenta degraus que levam à torre da Catedral, infunde respeito pela tonelagem e encanta pela musicalidade das badaladas solenes e graves que cortam os espaços através de quilômetros e quilômetros de distância.

Não se explica bem como pôde aquele homem fazer transportar para Campinas, lá por 1847, um sino daquele peso e daquelas proporções. Ninguém sabe quem o fabricou. Só se sabe que foi o "Bahia" que o adquiriu e ofereceu à antiga Matriz. O sino ficou com o seu nome, e na Campinas de há cinquenta anos, quando soavam, sem aviso, as vozes do possante bronze, tangido pela mão do sineiro Luís Corneta, punha-se todo o mundo a indagar: - "O Bahia está tocando: morreu ou está agonizando algum irmão do Santíssimo..."

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUQUÊS
GUIMARÃES.

(cont.)

- fls. 4 -

Sim, porque, em dispositivo por ele imposto ao compromisso da Irmandade, o sino não poderia dobrar senão por morte de membro da Irmandade, atos da Semana Santa e Corpus Cristi e saídas do Viático. Depois a licença se ampliou para algumas festas religiosas de pompa, procissões e cerimônias de "Te Deum".

Esse português, que no comercio local era figura de relevo e passou a capitanear a família dos capitalistas, foi sempre rigoroso no giro dos negócios, cordato e parcimonioso na sua atividade. Mas, se contrariado na administração da Irmandade do SS. Sacramento que ajudou a reformar, e a que emprestou imenso prestígio, exasperava-se e explodia.

Conta-se que, quando o sino grande estava para ser alçado no antigo pátio da Matriz Velha, sobre girais que o sustentaram durante muitos anos, o peso era tamanho que os grupos de trabalhadores escravos não conseguiam abalar a massa de bronze enterrada no solo. O Bahia explodiu em gritos de incitamento, completados por outros de fúria. No dia seguinte, reforçou o grupo com trabalhadores brancos entrou ele também a fazer força com os braços peludos e o gigante de bronze foi guindado ao alto do girao...

Dali só saiu, anos depois, e em 1883, quando o Bahia já tinha morrido, foi guindado à torre da Matriz Nova onde até agora se acha.

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUES
GULMARAES

(cont.)

- fls. 5 -

- Porque o nome de "Bahia" dado àquele português de aço nos musculos e de veludo no coração? O nome lhe adveio porque, vindo de Portugal em principios dos mil e oitocentos, quando ainda rapazote, fixou-se na Capital da Província baiana onde fez comércio, dali vindo para a Província de S. Paulo, primeiro em Sorocaba e, finalmente, em Campinas.

De Sorocaba trouxe uma menina, que diziam ser sua filha ilegítima, de cuja educação cuidou com desvelos de pai amoroso e solícito, fazendo dela sua herdeira. Essa moça casou com um patricio do Bahia, de boa estirpe, Mendonça Furtado e Queirós e, em viuvando, convolveu a novas nupcias com um paulista autêntico, o tenente Isidoro Cantinho havendo dessa união várias filhas que o patriarca chamava de netas e foram beneficiadas por copiosos legados e legítimas no testamento que ele deixou, aprovado em agosto de 1868 pelo 1º tabelião de Campinas. Seu 1º testamenteiro que assumiu o cargo e levou processo, partilha e pagamento até final, foi o "Vigarinho", cônego Joaquim José Vieira, depois bispo do Ceará e fundador da Santa Casa e do Asilo de Orfãos. Tinha d. Vieira, pela memória do Bahia, um culto fervoroso, que conservou até os últimos dias de sua vida; ninguém melhor do que aquele sacerdote insigne poderia, com efeito, atestar dos méritos, virtudes e esquisitices de gênio do português que

O "BAHIA E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUÊS
GUIMARÃES.

(cont.)

- fls. 6 -

tanto o auxiliara na fundação da sua Casa Santa.

Quando se concluiu o inventário de bens do seu avultado espólio, que atingiu a mais de mil e quatrocentos contos de reis - e isso em 1873 ! - o remanescente da sua terça foi atribuído em três partes iguais a três Santas Casas de Misericórdia: - à de Guimarães, província do Minho, sua terra natal, à do Rio de Janeiro e à de Campinas. Cada uma foi beneficiada com um quinhão de 148:036\$750.

Mas a benemerência do "Bahia" não ficou circunscrita a esmolas copiosas em vida e a essa linda distribuição de legados no testamento. O lusitano era homem de bom gosto - e, além da pirataria de lei que adquiriu para a "sua" Irmandade, interessou-se pelas obras da Matriz Nova, que caminhava vagarosamente. Em 1853 fez vir da Bahia, por sua conta, o mulato entalhador Vitoriano dos Anjos que deixou na atual Catedral de Campinas os trabalhos de escultura na madeira que constituem o maior monumento de arte religiosa de São Paulo. Os trabalhos de mestre Vitória no foram logo secundados e completados por outro artista nacional, Bernardino de Sena Reis mandado buscar no Rio de Janeiro pelo mesmo incançável português.

De mestre Vitoriano restam ainda, esparsos, possivelmente ignorados, muitos trabalhos de talha, fora os que deixou no altar-mor e nos dois pulpitos da Catedral. Um des-

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUÊS
GUIMARÃES

(cont.)

- fls. 7 -

ses conheci eu, em casa de outro baiano benemerito que foi o farmacêutico Rafael Gonçalves de Sales: - era uma cama de solteiro, com colunas na cabeceira e enfeites que pareciam bordados a agulha, modelados com tratos de goiva e de escopro em cernes de caviuna e cabreuva das antigas matas campineiras, que cintavam a cidade desde as pequenas águas do Anhumas até os cursos grossos do Atibaia e do Jaguari. Onde teria ido parar essa preciosidade, após a morte da quele excelente paulista de adoção?

De Bernardino de Sena Reis nunca ouvi dizer que tenha deixado outras obras d'arte senão as que opulentavam a nave central, os altares laterais e as capelas. Ramos de Azevedo, certa vez em que esteve em Campinas foi à Matriz Nova verificar o estado das esculturas do altar-mor que Vitoriano trabalhara com finuras celinescas e um sacerdote português, virtuoso no seu ministério mas bronco em assuntos de arte, mandara pintar de branco e azul, comprometendo sua natural grandiosidade. Verificado o bom estado da restauração seguiu, nave central abaixo mas se deteve ante um dos púlpitos, chamando a atenção dos presentes: - "Reparem esta maravilha: - o púlpito tem uma forma de cálice. É um prodígio de delicadeza que o Vitoriano transplantou de igrejas da Bahia..."

Ora, essa obra monumental foi em grande parte conseguida pelo apoio que o português Antônio Francisco Guimarães deu aos artistas que mandou vir de longe para opulentar o templo que era sede da Irmandade do SS.Sacramento.

O "BAHIA" E A BENEMERENCIA DESSE AUTENTICO PORTUGUÊS
GUIMARÃES

(cont.)

- fls. 8 -

O sino grande, as generosas doações a ca
sas de caridade e os legados copiosos que deixou por
sua morte, colocarem o nome desse homem ríspido e seve
ro, entre os maiores beneméritos de casas de caridade, o
bras religiosas e do patrimônio artístico de Campinas,
É por isso que, ao contemplar o seu retrato a óleo na
galeria dos protetores da Santa Casa, confundido com as
efígies da autêntica nobreza rural e cristã dos velhos
tempos, uma prece espontanea brota dos lábios de quem
conheça o que ele fez, o que produziu e o que distribuiu
em benefícios e em esmolas nessa lição de salutarex exem
plos que foi toda a sua vida.

São Paulo, 20 -VIII -1950